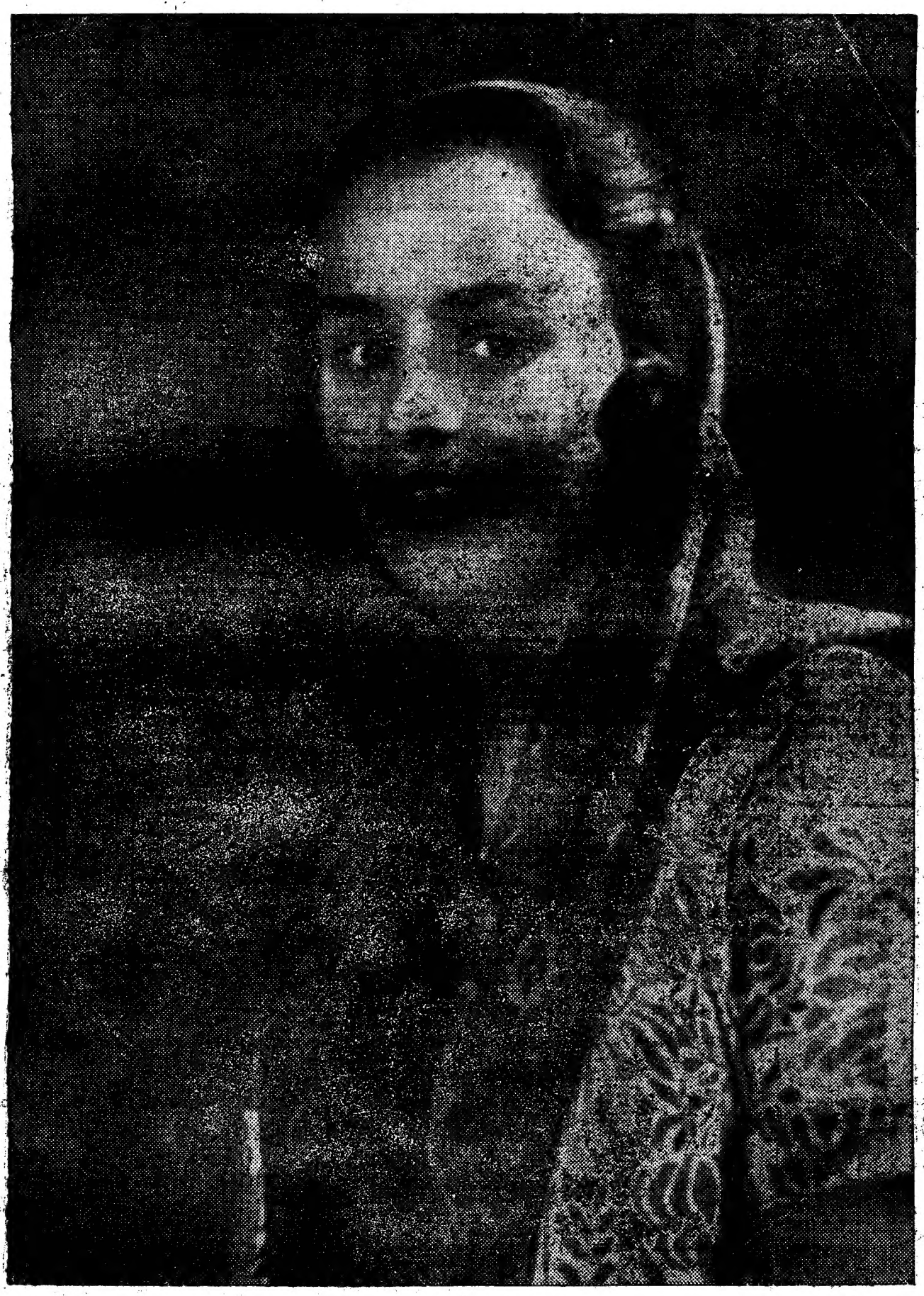
5.º ANO LISBOA—DOMINGO, 25 DE OUTUBRO DE 1925 N.º 1395

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA



ILDA FERNANDES

Rainha das Rainhas dos mercados de Lisboa

Cronica

Cem crisantemos

Que de crisantemos! Por toda a parte se vêm crisantemos. Toda a gente cultiva crisantemos e expõe crisantemos. Que profusão de crisantemos! A' força de tanto o mostrarem, banalizaram-lhe a sua fria e imutavel delicadesa, ele que, com efeito, parece ter sido criado para atestar antes o indiferentismo e a impassibilidade do que para convidar á comunhão ou prodigalisar ternuras, como outras flores suas irmãs que vêm esperar as primeiras lagrimas do ceu.

Originario das amarelas terras niponicas, a sua côr primitiva é a côr fulva (do grego «crusanthémon», flôr de ouro) e o seu nome, nesse país, onde especialmente se dão ás mulheres quasi exclusivamente nomes de flores, simbolisa o ente feminino que esconde os seus atractivos no recondito das suas graças e consigo consome, com discreção, a sua vida...

As suas caracteristicas ingenitas têm, porém, sido modificadas, alteradas — inventadas, diga-se assim! — nos pacientes e aloucados crusamentos dos botanicos, pensando, por certo, que por lhe darem novas e mescladas usanças o embelezam mais: proposito impensado, como seria o do alquimista que decompuzesse a escumilha prateada da luz, a fim de a apresentar mais poetica...

Era assim: assim devia continuar.

Deram-lhe outras cambiantes, mas não conseguiram ainda dar-lhe mais sensivel sensibibilidade, como tem a camelia, cujas petalas logo se mancham ao bafo que não seja gelido... Nem o ôlor, mesmo!

O perfume do crysantemo—e o cheiro das flôres não passa dum canto de volupia—é que eles não têm aumentado, ou sequer mesmo feito com que ele se deixe apreciar.

Vindo no outono,—quadra de mais subtis encantos, esbatimento dos ardores eruptivos da primavera, esmorecer dos excessos estivais—o crysantemo não inebria como o lilaz, que é primeiro sonho de amôr da natureza, mas deixa-nos nesse indefinido e vago, que sucede áfelicidade, que se abre e se arreceia de prosseguir... O lilaz, sonhador, expansivo, impregna fortemente as puras e tepidas noites de abril como um convite; o crysantemo, indecifravel, recondito, guardando para si o cheiro, parece querer indicar, por estas turvas horas de outubro, o resvalar e a inutilidade das fantasias, dos arrebatamentos, das comoções... Embrenha-se no misterio e o misterio foi e ha de ser sempre o requinte dos requintes.

Apesar de tudo, crysantemo, pena é que te vulgarisem! Pena é que não te compreendam e não te reservem, principesca, e unicamente, o recanto que a tua indiferença merece, impõe—tu que, no comentario dum emerito desolado, por teu turno, só estendes e desnudas os braços para melhor ocultares o teu coração...

José Parreira

Não faltem ao

Cinema Condes

para ver a super-produção

O GAROTO DA FLANDRES

sete actos pelo genial

Jackie Coogan

(o garoto de Charlot)

que passa no «écran» á noite, ás **20** horas e ás **22-30** horas.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro
Calçada da Estrela, 18, 1.º Esquerdo

PROBLEMAS ECONOMICOS

A guerra

creou a Portugal uma situação dificil aumentando as emprezas e não a produção

Que a nossa industria atravessa uma crise dificil não é segredo para ninguem. O numero de fabricas e oficinas que liquidaram no decorrer dos primeiros seis meses deste ano não é inferior a 1.500. Mas o numero de casas que reduziram a sua laboração é a quasi totalidade. A consequencia mais grave deste estado de cousas é o desemprego de centenas e centenas de operarios e empregados que, a braços com a miseria, são lançados no desespero. Num país como o nosso, onde não escasseiam os aventureiros politicos, é perigosa tal situação. A existencia dos sem-trabalho cria o ambiente favoravel para todas as aventuras revolucionarias. Por consequencia, á crise industrial liga-se intimamente o problema da ordem publica. O governo não pode fechar os olhos a esta questão do desemprego; tem que resolvê-la, custe o que custe, sob pena de passar o tempo a reprimir desordens e tumultos, e o preceito é evitar os conflitos mais do que reprimi-los.

A segunda consequencia afecta directamente o Estado, que vê cerceada a materia tributavel. Ora, no relatorio do governo que precede a lei dos duodecimos, confessa-se que, apesar das economias realizadas, na importancia calculada de 50.000 contos, ha ainda um «deficit» de 350.000. Ele será muito maior, porque a receita prevista, em virtude da crise industrial se que vem manifestando, será sensivelmente reduzida. Ainda ha poucos dias assim o declarou ao ministro das Finanças uma comissão de comerciantes e industriais do Norte: «Não pagamos a taxa complementar porque a não podemos pagar; encerraremos os estabelecimentos». Por todo o país, no Algarve como no Minho, ha uma natural reacção contra o aumento das taxas tributarias. Devemos reconhecer que o aumento inconsiderado dos impostos é uma das causas da crise actual da industria.

A terceira consequencia da crise afecta a economia nacional e vem a ser que, produzindo-se menos, restringem-se as exportações e a nossa balança comercial, que sofre do mal cronico dificitario, mas que até 1914, tinha a compensa-la o saldo do balanço de pagamentos pela remessa das cambiais dos emigrantes, desiquilibra-se cada vez mais sem para esse desiquilibrio haver qualquer especie de compensação. Deste modo, a situação financeira tenderá para o agravamento, para a desvalorisação do escudo, com o cortejo consequente dos males inerentes, isto é, as reclamações dos salarios, a elevação dos preços, a vida cara.

Quais as causas da crise a que estamos assistindo?

Devemos confessar que nós criámos com a guerra uma situação industrial e comercial um tanto artificiosa.

A inflação fiduciaria, elevando de 94.000 a 1.700.000 contos as notas em circulação, determinou uma extraordinaria facilidade de creditos, uma superabundancia de capitais disponiveis ávidos de colocação. Os bancos, as companhias de seguros, as empresas comerciais e industriais de toda a ordem proliferaram, multiplicaram-se além de todas as necessidades e previsões. Esta multiplicidade de empresas não significou de modo algum um maior esforço da actividade nacional. Durante o periodo da abundancia do dinheiro estas emprezas puderam viver. Toda esta situação se edificou e manteve, por um lado, com a abundancia do papel-moeda que o Estado prodigalisava ás mãos cheias; por outro, arrancando se ao consumidor um maior preço pelos seus consumos.

Crescia o numero dos emprezarios que nem simplificavam os processos de produção, nem barateavam os productos. Muitas categorias de operarios puderam fazer face á situação com o paralelismo dos salarios; mas outras classes — as profissões liberais e todas aquelas que não manejavam com eficacia a arma da greve, foram coagidas a uma redução dos seus consumos.

Evidentemente, esta situação industrial e comercial artificiosa não podia durar sempre.

A certa altura, o Estado fechou a torneira das emissões e então a crise apareceu em toda a evidencia. As empresas que não tinham fundos de reserva começaram a lutar com serias dificuldades e, uma após outra, elas vão estoirando e proletarisando os antigos emprezarios e lançando no desemprego os operarios e emprezarios.

Nos outros paises que merecem o justo titulo de países civilisados, a evolução industrial tem caminhado no sentido da concentração. As pequenas fabricas e oficinas desaparecem para dar logar ás grandes emprezas, aos grandes trustes. A concentração industrial suprime uma parte das despezas de gerencia, dos gastos gerais, ao mesmo tempo que pela especialisação do trabalho simplifica e barateia. Nós caminhamos no sentido inverso. Aumentamos o numero de estabelecimentos.

A causa inicial da crise que a nova industria atravessa é a falta de credito. E' por aqui que tem de iniciar-se a cura; mas, bem entendido, não é para que o restabelecimento do credito sirva a manter a situação artificial que creamos com a guerra.

ATLAS E' INCONTESTAVELMENTE O MELHOR CALÇADO

Depositos em Lisboa: Rua Aurea, 198 / Rua Augusta, 149 / Rua do Carmo, 87

AUTO FORNECEDORA, L.DA

Accessorios para automoveis, correntes, bandages e ferramentas

Ferrôdo de optima qualidade para travões

STOCK MICHELIN

22, Travessa da Gloria, 22 (á Avenida)—LISBOA

Mundanismo

Nos salões

Para comemorar o aniversario natalicio de sua esposa, sr.ª D. Julia Reis Ribeiro da Cunha, ofereceu seu marido, o sr. Joaquim Ribeiro da Cunha, na sua bela vivenda de Parede, uma encantadora festa de arte, que decorreu brilhantemente, ás pessoas das suas relações, e que constou de um interessante sarau, cujo programa foi cumprido á risca, abrindo por uma pequena palestra pelo sr. dr. Artur Rua, intitulada «Duas palavras», seguindo varios numeros de piano e canto, executados com inexcedivel correcção, respectivamente os primeiros pelas sr.as D. Maria Luisa Santiago e D. Celeste de Sousa Faria, e os segundos pelas sr.as D. Maria Adelaide Reis Ribeiro da Cunha, D. Maria Celeste Santiago e D. Lidia Borges de Almeida Rebelo Fernandes de Sousa, e pelo sr. Alexandre Fernandes de Sousa, um numero de recitação pela sr.ª D. Regina Vale, terminando a primeira parte por um côro português, sendo o solo cantado pelo sr. Alexandre Fernandes de Sousa. Todos estes numeros foram vibrantemente aplaudidos pela selecta assistencia.

Abriu a segunda parte pela representação da comedia em um acto «Que amigas!» brilhantemente desempenhada pelas sr.as D. Lidia Rebelo Fernandes de Sousa, D. Celeste de Sousa Faria, D. Maria Adelaide Reis Ribeiro da Cunha e D. Maria Regina Vale, que mais uma tiveram ocasião de evidenciar os meritos artisticos, seguiram-se um numero de canto pela sr.ª D. Maria Celeste Santiago e um côro português, sendo o solo cantado pelo sr. Alexandre Fernandes de Sousa a todos os distintos amadores foram feitas verdadeiras apoteoses.

Depois de um curto intervalo deu-se começo á ultima parte do programa que abriu por um numero de piano pela sr.ª D. Maria Luiza Santiago, seguindo-se varios numeros de canto, de mimica e de recitações, respectivamente os primeiros pelas sr.as D. Lidia Rebelo Fernandes de Sousa, D. Ema Santiago e pelo sr. Alexandre Fernandes de Sousa, do segundo pela sr.ª Ernestina Rocha e pelo sr. dr. João Beto de Carvalho, e do terceiro pela sr.ª D. Lidia de Azevedo Gomes Maravilhas, terminando a terceira parte por dois lindos coros portugueses, sendo os solos respectivamente cantados pelas sr.as D. Maria Celeste Santiago e D. Lidia Rebelo Fernandes de Sousa. Houve ainda um numero de piano pela sr.ª Celeste de Sousa Faria.

No final do magnifico programa, todos os improvisados artistas receberam do selecto auditorio freneticos aplausos que se prolongaram por algum tempo. Terminado o sarau foi servida uma fina ceia, dando-se depois começo ao baile, que se prolongou até de madrugada, hora a que começou a retirada dos convidados, extremamente encantados com os deliciosos momentos que os donos da casa lhes proporcionaram.

Pontos de reunião

No Coliseu dos Recreios

Na tradicional recita da moda de ámanhã, no Coliseu dos Recreios, far-se-ha a estreia do sensacional numero de exito garantido intitulado «Alegria, Enhart & C.ª», que vem precedido de grande nome que, continuará, decerto, entre nós.

Na noite de ámanhã, será, portanto, o Coliseu dos Recreios, o ponto elegante de tudo que de melhor conta a nossa aristocracia.

Em viagem

A' sua casa do Porto, regressou de Ilhavo, com sua familia, o sr. conselheiro Luís de Magalhães.

—Os srs. condes de Valença e seus filhos, regressaram de Cintra.

—Estão em Lisboa, hospedados no hotel Metropole, os srs. Rego Lima, Emilio Vale e Gomes, Sotto Maior, Carlos Cabierro, Joaquim e José Alves, Caetano Feu, Santos Maia, Carlos Leitão, Jacques Calles, José Calle, Grunervald, Rego Barreto e Frias Barbosa.

—Do Estoril, regressou a Lisboa, com sua esposa, a sr.ª D. Maria da Graça Iglezias Viana Roquete, o sr. João Viana Ferreira Roquete.

—Com sua esposa, a sr.ª D. Sara da Mota Vieira Marques, regressou do Monte Estoril, a Lisboa, o sr. Antonio Ferreira Marques.

—Regressaram dos Olivais a Lisboa, os srs. condes de Mendia.

—De Bucelas, regressou o sr. José Antonio da Silva Junior.

—Acompanhado de sua irmã D. Judith, regressou do Monte Estoril, o distinto engenheiro sr. Gastão Benjamim Pinto.

IMPRENSA

«A Reacção»

Saiu hoje o terceiro numero do semanario anti-republicano *A Reacção*, sob a direcção politica do sr. dr. Raul Leal.

Faz varias referencias ao *Diario de Lisboa* e ás Festas dos Mercados, o que agradecemos.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21,30—«O Ladrão».
Apolo—A's 21,15—«O Saltimbanco».
Avenida—A's 21,15—«O Pão de Ló».
Politeama—A's 21,30—«Zilda».
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,30—«Rataplan!».
Coliseu dos Recreios—A's 9—Companhia de circo.
Salão Foz—A's 14,30 e 20,30—Variedades e cinema.
Bal-Tabarin—A's 21—Variedades.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.
Solar da Alegria—Variedades todas as noites.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli—Avenida da Liberdade.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinées» e «soirées».
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso—Domingos e feriados, «matinées».
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça dos Restauradores.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente—A' Graça—Domingos, Segundas, Quartas e Quintas.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario.
Salão-Rocio—Rua do Arco da Bandeira.
Cinema Belem—Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise—Campolide—Quartas, quintas, sabados e domingos.

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE FAZEM-SE DIVERSOS FABRICAÇÃO GARANTIDA
182—RUA DA ROSA—190

NA FESTA DOS MERCADOS

A poesia «O Mercado»

de Fernanda de Castro

e a "Viva da Costa!" de Bulhão Pato

«Bem haja o sol! Parece uma laranja
a escorrer sumo...»
—disse a mulher da banca num resume,
olhando o sol de frente, em linha recta..
e eu pensei: de que vale ser poeta?

«Olá, cuidado! Não me pise a fruta!
Nem olha os pés, só porque tem chapéu!»
E eu penso, resignada:
Ha tanta gente bruta
Sob este claro e luminoso céu!

Vou passando entre ruas de verdura...
apetece beber tanta frescura!

«Menina da hortaliça, faz favor?»
e logo surge, por detrás dum cêsto,
uma fresca, uma linda e humana flor..
—«Pronto, freguesa, quere levar o resto?»

Delgadinha, flexivel como um junco,
tem a cara redonda, o narizito adunco,
e, á fôrça de convivio, a rapariga
tomou a côr dos frutos e da giga.

Por um raro e curioso mimetismo
que lhes torna a aparencia mais louçã,
as saloias que vendem hortaliças
são frescas, estivais como nabiças,
e cheiram a tomilho, a hortelã.

Leiteirinhas mais brancas do que o leite
descem das serras tristes e selvagens,
vergadas sob o pêso das vasilhas...
Moças da serra, sem nenhum enfeite,
trazem na pele o cheiro das pastagens,
passam, airosas, sacudindo as bilhas.

Peixeiras ha que em sua alegre roupa,
açodadas, esbeltas como guigas,
pela cidade vão levando as gigas
como barcos vogando, vento em pôpa.

Bemdita seja a Praça da Figueira,
colorida, estridente, regateira,
como todo o mercado que se preza...
E' bem esta a paisagem portuguesa
que se deve mostrar, como surpresa,
á colonia estrangeira.

«Morangos madurinhos! São de Sintra!
Mais barato? Pois não! Ora a pelintra!»

E sôbre as flores, os frutos, as mulheres
o sol faz-se mais doce, mais doirado...
andam no ar, dispersos, mil prazeres,
e cada olhar reflecte, apaixonado,
o paganismo ardente do mercado.

Fernanda de Castro

Com a sardinha empilhada,
Inda saltando vivaz,
Vem de cestinha avergada,
Vem lá de baixo, da praia,
E sobe a pino o almaraz;
Mas nem por sombras cançada

Faz vista de nova a saia,
Curada ao sol e puxada!

Descalça. O pé regular,
E brunido pela areia
Dessas arribas do mar!
Não se pode chamar feia;
Descaida e farta a trança
Afrontada do calor;
O lencito desatado,
E os labios com tanta côr,
Como a de um cravo encarnado;
A mocidade é uma flôr!

Magrinha; mas que vigor
No seu passo de balanço!

E para estugar os passos,
São duas azas os braços!

A venda deve ser boa
Que ha muito que o mar não dá!
Com que alvorôço apregôa:
Sardinha — fresca!... fresquiá!
Avante:
veem as outras mais atrazadas.
Ao Monte por essa encosta
Ao Monte, ao Pragal e adiante!
Que ha muito que o mar não dá
Sardinha fresca da Costa!
Viva da Costa!... fresquiá!

O pai andou lutando
Por toda a noite. Puxava,
Mal vinha rompendo o dia,
o mar com furia tamanha!..

Por um ai, Jesus Maria
Que o barco se não voltava!...
Nossa Senhora do Cabo!
Nossa Senhora da Guia
Salvou-se toda a companha,
e tambem *la pescaria!...*
Foi a Senhora do Cabo!
Foi a Senhora da Guia!

Avante, por essa encosta,
Que ha muito que o mar não dá.
—«Sardinha fresca, da Costa!
Viva da Costa!... Frêsquiá!...»

Abril — 9-93. — (Monte de Caparica — Torre).

Bulhão Pato

A INICIATIVA DO

As grandiosas Fe

estão decorrendo co

MILHARES
AGUA
NO LARGO
a proclamação da

As Festas dos Mercados — cujo alto interesse citadino só agora, para certo publico, começa a ser revelado — atingiram um extraordinario brilhantismo.

Excederam toda a nossa espectativa, que era confiada, mas não exagerada, visto tratar-se de uma iniciação.

O tempo tem corrido, o maximo possivel, dentro dos limites do seu genio irascivel nesta quadra do ano. De má catadura, o tempo vai-se resignando a conceder-nos sol e por vezes um vislumbre de primavera — de pouca dura.

Não damos novidade dizendo que as Festas resistem á chuva. Se é certo que o cortejo anunciador, que não fazia parte do programa oficial, tão caprichosamente organizado pelo ilustre Director da Escola de Paiã, foi prejudicado em numero de carros, porque as chuvas da vespera impediram a apanha das hortaliças, ninguem dirá que tinhamos maneira de evitar esse precalço.

NUNCA se fizeram iluminações nas praças dos mercados, como ontem e como hoje e porveniura ámanhã.

NUNCA em Portugal se realisou uma mais linda reconstituição historica como a do mercado antigo, que Alberto de Sousa, Matos Sequeira e Leitão de Barros — três artistas e três apaixonados da beleza evocativa — conceberam e realizaram, ajudados por bons amigos.

NUNCA a população dos Mercados foi acarinhada, como nestes dias. Os premios — que o «Diario de Lisboa» vai solenemente distribuir — excederam o previsto.

O Mercado da Praça da Figueira levou a palma. Seguiu-se-lhe o de Alcantara, popular e pequenino.

A coroação da Rainha foi um acto cheio de graça, de emoção, de natural e digna curiosidade. A rapariga eleita manteve-se á altura da sua beleza, a um tempo plebeia e aristocratica, porque a formosura é uma aristocracia.

O «Diario de Lisboa», registando uma festa popular, com suas tradições, e com uma originalidade simpatica, supõe ter prestado á Cidade um serviço e á Camara um pouco de ambiente. De «vil tristeza» andamos todos fartos, e se um paiz, porque vive em transes dificeis, se dá só a lamuriar e a conceber agitados planos de hipotetica salvação — mal vai á sua confiança, que tem de ser feita, como toda a vida forte, de certo bom humor, que não é inconsciencia nem resignação, mas sinal de melhor barometro moral.

O sentido desinteressado das Festas, a que a Imprensa, e especialmente os seus jornais mais representativos, deram o mais significativo apoio — deu-nos força para realizar, e dá-nos a certeza de que este estimulo não é perdido, e só o que tem é de ser aperfeiçoado.

O dia de ontem

Foi cheia de notas interessantes e de comoventes scenas a jornada matutina dos juris, ontem, para adjudicação de recompensas e medalhas. Esses juris foram assim constituidos:

Juri de lugares ornamentados e de bom gosto:

Presidente — Fernão Pires, vereador dos mercados.

Vogaes—Adães Bermudes, arquitecto.

D. Antonio de Melo Magalhães, administrador da Praça da Figueira.

Norberto de Araujo, jornalista.

Pedro Bordalo Pinheiro, secretario.

* * *

Juri do Concurso de Vendedeiras mais bem vestidas, a caracter:

Presidente—Roque Gameiro, artista.

Vogaes — Albino Abranches, secretario do sr. Governador Civil.

Alexandre Ferreira, vereador.

Ascenção Machado, arquitecto,

Conde de Santar, director da Companhia do Mercado da Praça da Figueira.

Norberto Lopes, secretario.

* * *

Juri do Concurso de iluminações:

Presidente — engenheiro José Carlos Santos.

Vogaes—Augusto Pina, artista decorador.

José de Azevedo, director da Associação dos Lojistas.

José Sequeira Nunes, presidente da Junta de Alcantara.

Felix Correia, secretario.

As recompensas

Já o nosso jornal deu ontem a lista das recompensas.

No Mercado do Matadouro, não puderam ser adjudicadas ontem recompensas, por ter havido uma avaria no cabo condutor de electricidade.

No Mercado de Alcantara, onde o entusiasmo era delirante, rompendo-se a custo, a Comissão foi recebida festivamente, e homenageada com musica e foguetes.

Daremos a lista dos 3 premios concedidos. Neste mercado, toda a Comissão trabalhou com entusiasmo, sendo dignos de relêvo os nomes do sr. José Sequeira Junior, Presidente da Junta de Freguesia, e José da Silva Fernandes, um dos mais antigos vendedores daquele mercado.

Na Praça da Figueira, o 1.º premio de iluminação foi concedido ao vistoso lugar de Margarida Magalhães, uma velhinha de 74 anos, que ainda é do tempo do mercado do Rossio.

O Grande Premio de Iluminação está incluido no lugar do comerciante Henrique Pessanha.

O mercado seiscentista

O numero do programa—com caracter de arte—mais brilhante das Festas, mesmo decorativo, é a reconstituição seiscentista do mercado do largo de S. Domingos.

Ontem, apesar da chuva, a concorrencia foi enorme. Hoje excedeu quanto se podia prevêr.

Matos Sequeira—belo espirito—leu perante a comissão o seguinte discurso:

Honrados Vereadores e bons cidadãos de Lisboa:

Como um antigo almotacé das Execuções do Senado da Camara, desta mui nobre cidade, em pleno seculo XVII, a quem cumpria zelar pelo bem da republica, no acatamento das posturas, no respeito das taxas de venda ordenadas ás mercadorias pelo Juizo da Almotaçaria, aqui venho perante Vossas Senhorias e Mercês, neste recanto da Feira do Rossio, saudar em vós a cidade, e o seu povo.

Tentou-se com maior bôa vontade do que merecimentos, mostrar aos alfacinhas de hoje um quadro da vida alfacinha de outros tempos onde ela era mais movimentada e mais farta de aspectos ricos, imaginando e comparando para os olhos dos outros um pedaço da historica Feira do Rossio que ás terças-feiras aqui se fazia, alastrando até as enfiaduras das ruas estreitas da cidade baixa.

Os antigos telheiros e abarracados que corriam através da nobre praça, os toldos que cobriam as filas dos vendedores, a graça dos trajos variados de côr e de talhe, a propria fazenda que se vendia, desde o barro vermelho ao latão doirado, desde o linho assedado á esteira de esparto e junco, os regalos das ortas e pomares arrabaldinos, o peixe, o marisco, as velharias de ferro e marcenaria, ver-se-hão aqui ressuscitadas neste cantinho de S. Domingos tão cheio de tradições populares e de recordações historicas.

E' tão sómente uma escassa amostra do que foi a grande Feira do Rossio o que vós ides ver, num apontamento do que devia ter sido, uma lembrança rapida de uma persistente e esplendida festa semanal. E' o povo quem a faz, é para o povo que ela se destina.

O almotacé do Senado da Camara do seculo de seiscentos, que sou eu, aqui figurado, zelará para que os preços do seu tempo sejam mantidos, embora os vendedores de hoje por eles peçam o que o vosso seculo exige. O cambio fica a cargo dos trezentos anos que passaram, transformando-os de réis, que eram poucos, em escudos, que são muitos.

Honrados vereadores e bons cidadãos de Lisboa, podeis entrar. O seculo XVII saúda o seculo XX; o povo de outro tempo, saúda o povo do tempo de agora.

Uma festa do povo

Esta Festa dos Mercados é já uma festa do povo. Foi para o povo que a organizaram e prepararam. E ele soube, integralmente, corresponder ao esforço dispendido por seu beneficio e louvor, dando, em sensação, em entusiasmo e em espectaculo, a grandesa exigida, a beleza que todos nós solicitavamos e consideravamos necessaria.

Bem haja o povo de Lisboa por isso. Nesta hora, que é de intimo jubilo e de sentido reconhecimento para quantos se empenharam na realização da festa, hemos de saudar na população desta cidade, generosa, hospitaleira e inteligente, a dadiva de alegria e a compensação de assistencia que foram a nota dominante na cerimonia da consagração da Rainha.

Antes da eleição da Rainha

Este largo do Pelourinho é, na verdade, pequeno, pequenissimo mesmo, para conter quantos desejam assistir e vêr. E são muitos milhares os que se encontram nessas condições. Gente trazida dos mais afastados e perdidos bairros, vindos da Estrela aristocratica uns, vindos outros da Alfama de tradição e tristeza. Gente de todas as categorias e de todas as classes sociais, acorre a presenciar este espectaculo novo e curiosissimo, e originalissimo. Havia satisfação em quantos esperavam. Havia tambem, no maior ponto, sua ponta de anciedade pelo resultado.

No ar, nos corações, nas conversas a pregunta era ainda e sempre a mesma:

—Quem vae ser eleita Rainha dos Mercados?

Porque é preciso reparar que o concurso entrou tanto no espirito do lisboeta, tanto no espirito do português que logo as predilecções apareceram e as favoritas surgiram. As simpatias sentiam-se nas discussões, nos cavacos, no falar simples até das que não são conhecidas e não trazem os nomes arrastados pela letra redonda.

Ouvimos, perdidos entre a multidão que se apuzera em frente ao palacio lindo do municipio, os dizeres dos que se acotovelavam na ancia do resultado. Escutámos, sobretudo, as mulheres que falavam a linguagem chã e da dia da verdade que não tem escrupulos e não conhece sofismas.

Os nomes andavam de boca em boca. Lidia, gentil, formosissima, vida como aimé de aquela belesa serena e doce que não precisa de se impôr para conquistar; a Ilda Ribeiro, loura, clara, de traços muito finos e feições corretissimas; a Beatriz, nascida Estarreja, alta, donairosa, dominadora na imponencia de vestir e de tratar. E outras, tras ainda, outra Ilda, uma Gloria, nomes nossa recordação, nomes santificados e sa dos pela nossa alma até.

—«Quem vai ser eleita Rainha dos Me dos?»

E ha por aí então alguem que não tiv formulado a interrogação?... Para si, os outros, para o destino... Se pudesse

Rainha da Praça da F

Rainha do Mercado do

Be

Rainha do Mercado 24

Ilda d

Rainha do Mercado de

Filo

Rainha do Mercado de

Beatriz

Rainha d

ILDA F

do Mercado d

DIARIO DE LISBOA,,

stas dos Mercados

o maior brilhantismo

DE PESSOAS
DARAM
O MUNICIPIO
Rainha das Rainhas

contar quanto vimos e ouvimos... O poema admiravel, unico de ternura e sinceridade que fez vibrar e comover, e abençoou hoje, domingo de sol, pelo sol santificado para a escolha da Rainha, a nossa iniciativa, é todo para sentir. Não se explica, não se diz, não se escreverá nunca.

Contavam-no, apenas, as lagrimas a bailar nos olhos das mulheres que viam a sua *propria graça e a sua propria ternura* fielmente retratadas e gloriosamente simbolisadas nas escolhidas dos artistas e dos criticos, dos que percebem e entendem, e sabem falar e escrever de rainhas escolhidas por pergaminhos e dons de beleza.

Na Camara, antes da cerimonia da escolha

Por volta das 12,30 já mal se dia transitar na praça do Municipio. E acentuemos desde já que o serviço de policia souberam fazê-lo admiravelmente os que disso se quizeram encarregar. O que, em materia de policiamento, se fez no largo e nas ruas que lá vão desembocar esta acima de todos os elogios.

Os convidados iam chegando, quasi todos eles acompanhados por senhoras, e quasi todos eles tambem vestindo «frack». A entrada no edificio da Camara era rigorosa e delicadamente contestada.

As concorrentes que apareciam, condusidas pelo braço de elementos da Comissão, eram vivamente saudadas, recebidas com provas inequivocas de simpatia e de ternura. Uma ou outra era mesmo aclamada, com frenesi, pela turba.

E chegavam sempre jornalistas, escritores, trabalhadores de teatro, artistas, politicos, pessoas de cargo e representação, etc. A lista de nomes, impossivel fazê-la neste momento. Conhecidos quasi todos. O sr. governador civil, cumprimentadissimo ao chegar. Muito cumprimentados, tambem, os vereadores Alexandre Ferreira, Guisado, Fernão Pires, Emanuel Kouke, os elementos da Junta Geral, Carlos Simões Torres, o deputado Nunes Loureiro, etc. Entre os que se apresentavam cerimoniosamente de negro, surgiam as senhoras, lindamente vestidas quasi todas elas. Os membros do juri eram objecto de um verdadeiro assalto. Impunham-se-lhes opiniões e divulgavam-se criterios. Eles sorriam.

A acompanhar algumas das mais belas concorrentes vieram, sucessivamente, Albino Abranches, Norberto de Araujo, Rocha Junior. Depois Alvaro de Andrade, a acompanhar três senhoras do juri, D. Lucinda Simões, D. Maria de Carvalho e D. Amelia Rey Colaço. Vivamente saudados dois actores, Robles Monteiro e Erico Braga, e dois escritores. Aquilino Ribeiro e Augusto Gil. O poeta admiravel do «Luar» pode-se dizer mesmo que foi recebido com uma verdadeira manifestação de simpatia. O dr. José Leite de Vasconcelos que se mostrou hoje sabio até no trajar, cumprimentadissimo.

Cá fóra, nos corredores, não se pode transitar já. Vamos até á sala onde a ceremonia se realisará. Impossivel romper. Espera-se a entrada do jury e das concorrentes. A banda de Marinha, instalada no atrio do palacio municipal, começa a tocar. Ha vivas, ha palmas, ha entusiasmo.

—Quem vai ser eleita Rainha dos Mercados de Lisboa?

E de repente o entusiasmo decresce, deixam-se de ouvir os vivas e as palmas.

O juri vai entrar na sala das sessões. Agora ha só anciedade, curiosidade, interesse.

A reunião do juri

Eram 17 as Rainhas. Depois apareceu mais uma do mercado antigo. Por fim—ficou uma, eleita por maioria.

Os votos dos homens predominaram. Havia mais decisão na sua escolha. Os votos das senhoras D. Lucinda Simões, D. Amelia Rey Colaço e D. Maria de Carvalho, duas artistas e uma poetisa—foram mais confusos, mais brandos e mais indecisos.

Vamos ser indiscretos, jornalisticamente indiscretos.

D. Amelia tinha uma recomendação da actriz Maria Clementina. Era bem bonita a recomendadada da interpretn da «Marianela».

D. Lucinda Simões dizia-nos:

—Devemos escolher a que tiver mais raça, a que fôr mais portuguesa.

E fazendo o retrato:

—Alta—morena—forte.

D. Maria de Carvalho:

—E' muito dificil escolher. Se fosse homem aquela!

—E apontava a Ilda Pinto, loira, olhos enternecidos, boca fresca.

Os artistas foram para um lado, os jornalistas e homens de letras para outro. A eleição estava delicadamente renhida. Nas votações parciaes fizeram-se contra-provas — que confirmaram a primeira votação. As senhoras fizeram um grupo — mas depois, quando foi a votação final para a eleição da Rainha das Rainhas, tudo se decidiu. Felizmente que houve maioria e não unanimidade, o que prova a isenção do juri.

As 18 Rainhas

Numa sala da Camara Municipal reuniu se o juri, estando já presentes as concorrentes ao titulo de Rainha. Os fotografos tiraram lindos grupos. Cada vendedeira era um exemplar de formosura. Havia muitos tipos. Loiras delicadas, morenas ardentes; rostos de Lisboa quietinhos de ternura; ariscas e desenhadas no barro fragil das curvas. Muitas de Estarreja. Oliveira de Azemeis tinha uma formosa Rainha que ficou princesa entre as princesas. Interrogámos as mais bonitas.

A Ilda Fernandes, horas antes do diadema de ouro lhe cingir os cabelos negros, num rico trajo de ovarina — confessava, talvez mentindo:

—Noivo? Não tenho!

E a outra Ilda — Ilda Cunha Pinto — linda de doçura, olhos suaves, primeiro premio tambem, Rainha tambem, caso houvesse dois tronos:

—Nunca estive apaixonada. Os homens são enganadores.

Eram 18 anos que falavam.

A Lidia dos Anjos Silva, fragil como uma porcelana, sem noivo e com 16 anos; a Gertrudes, idem na idade e no estado; a Beatriz de Jesus, alta e opulenta como uma Venus flamenga, constante no seu sorriso ingenuo.

O juri separou as mulheres de cada mercado e foi escolhendo entre as mais belas—a mais bela. Primeiro foi a Praça da Figueira; 24 de Julho a seguir; logo o 31 de Janeiro; por fim, algumas destacadas dos mercados.

O sr. dr. Leite de Vasconcelos, como presidente do juri, não votou. Emquanto havia apenas a escolher a Rainha de cada mercado os membros do jury, quasi sempre selecionavam em conjunto, e com pouca dificuldade.

Quando foi da Rainha a resolução foi mais dificil. O sr. dr. Augusto Gil pronunciou-se logo pela Ilda Fernandes, apoiado pelo nosso camarada Rocha Junior e por muitos artistas.

A Beatriz de Jesus, que teve a defesa apaixonada do nosso querido secretario de redacção, Alvaro de Andrade, foi muito votada, especialmente pelas senhoras, que, embora em plena liberdade de voto, hesitaram bastante. A Ilda Pinto teve, entre outros votos o do nosso camarada de redacção Artur Portela, que serviu de secretario ao juri.

A escolha da Rainha das Rainhas, embora cada uma delas seja Rainha do seu mercado, fez-se isoladamente. Já nessa altura tinham entrado na Salão Nobre dos Paços do Concelho as damas de honor que eram precedidas pelo distinto actor Erico Braga, chefe de protocolo da cerimonia. A votação final foi, como já dissemos, por escrutino secreto. O resultado só foi conhecido do publico a quando da leitura dos autos.

* * *

A eleição teve momentos curiosos. O sr. dr. Leite de Vasconcelos não se quiz pronunciar. Aproveitou o tempo, conversando com as concorrentes e apanhando delas curiosas notas etnograficas. A uma recitou uma quadra; a outra perguntou-lhe como se chamava esta e aquela peça do vestuario; ás outras a idade e a naturalidade. Observou uma por uma muito de perto—mesmo as menos bonitas, para as não desconsolar.

* * *

Aquilino Ribeiro tinha *filé* por uma redondinha, miuda, bem plantada—regional. Metia a mão no braço das colegas e detalhava as qualidades.

* * *

Francisco dos Santos apreciava-as plasticamente. Não se fixava apenas no rosto. Como escultor, verificava a euritmia das formas.

* * *

Rocha Junior, logo de principio, com verdadeira percepção jornalistica do acontecimento, adivinhou a Rainha. A Ilda Fernandes ia linda no seu trajo de ovarina: ouro sobre o pelto, boca nitida de linhas, olhos de mar. Preocupação e gravidade.

* * *

No meio da reunião apareceram duas vendedeiras—por engano. Tinham sido fotografadas, mas não eram concorrentes. Mesmo assim figuraram no lindo rancho, como boa fruta dos mercados.

A ansiedade do povo

Tanto no Salão Nobre da Camara Municipal, como no largo fronteiro ao Municipio, onde a Guarda Republicana contem a custo a multidão, é enorme a ansiedade pela eleição da Rainha.

O juri está reunido. A sua resolução aguarda-se a todo o momento. Os convidados que não couberam na sala espalham-se pelos corredores da Camara, enchem a escadaria e apinham-se no atrio dos Paços do Concelho.

A's 14,30, abre-se uma porta. Ouve-se um longo murmurio entre os convidados. Um «frisson» de entusiasmo percorre a sala. Entram as concorrentes, cujos nomes foram eliminados na eleição. A esta hora, a Rainha já está eleita. Entretanto, guarda-se um religioso segredo sobre o nome da preferida.

A's 14 e 45, novo movimento de sensação. São as cinco candidatas selecionadas que entram na sala.

Uma delas, é a Rainha. Mas qual? São todas lindas, todas dignas de um trono de beleza.

Vestidas a caracter, com uma grande simplicidade, sentam-se todas em grandes cadeiras de veludo carmezim, avidamente curiosadas pela sala inteira. Algumas, envergonhadas, baixam os olhos.

—A Rainha! A Rainha! Qual é a Rainha?

Entretanto, o sr. João Martins Casal, presidente em exercicio do Senado Municipal, toma a presidencia da mesa, sentando-se á sua direita o sr. Fernão Pires, vereador do pelouro dos mercados, e á esquerda o sr. Manuel Kohn, do Senado Municipal.

A's três horas, entram na sala os membros do juri, de que fazem parte D. Lucinda Simões, D. Amelia Rey Colaço e D. Maria de Carvalho.

Aumenta a ansiedade entre a assistencia. O nome da Rainha eleita começa a ser cochichado em segredo.

—Qual é a Rainha? Qual é a Rainha?

Fala o Presidente do Senado

Em seguida, o sr. João Martins Casal, presidente em exercicio do Senado Municipal, leu o seguinte discurso:

«Meus senhores e minhas senhoras: — E' com profundo prazer que em nome da cidade de Lisboa, tenho a subida honra de receber e saudar, neste Municipio, uma parte dos seus mais dignos representantes, hoje aqui reunida.

Póde, sem duvida alguma, afirmar-se que uma das coisas que o Povo de Lisboa sempre foi orgulhoso de possuir, é a formosura das suas mulheres.

Se é certo que a beleza moral das almas nobres e boas, e a beleza intelectual das mentes fortes e fecundas, sempre foram cultivadas e admiradas pelo Povo de Lisboa, não é menos certo, tambem, que a beleza fisica, revelando a estetica de um conjunto de linhas harmonicas, é altamente cultivada e apreciada pelos habitantes desta cidade que por divisa tem o de ser *além de mais nobre e leal, ainda sobre todas maioral.*

A Festa dos Mercados, sendo um sintoma de vida estenuante de beleza e de actividade dum povo que quere viver e

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

ra
a Fernandes
louro
riz de Jesus
Julho
Cunha Pinto
natara
ena da Cruz
em
a Conceição
s Rainhas
RNANDES
raça da Figueira

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. C.-224

Não estando a actriz-cantora Maria Pires Marinho completamente restabelecida do abaixamento de voz que *sofreu, é por este motivo* transferida para depois de amanhã, terça-feira, 27, a

ESTREIA

da nova companhia de opereta, de que faz parte o tenor Almeida Cruz

1.ª representação das operetas de notavel exito em Espanha e na America

A Canção do Olvido

e

A MONTARIA

com que se inaugura a epoca de inverno neste teatro.

TEATRO DE S. CARLOS (M N) TELEF. C. 3063

Dia 31, inauguração dos concertos pela grande orquestra **Sociedade Portuguesa de Concertos Sinfonicos**, composta de **80** executantes escolhidos de entre os mais distintos professores de orquestra de Lisboa, sob a direcção de **Emile Cooper,** notavel russo, que vem de dirigir uma série de concertos na Alemanha e em Paris. Amanhã abre a assinatura livre e estará o escritorio da empresa aberto para esse fim das 13 ás 18 horas até quarta-feira, passando depois a venda ao publico e fazer-se na bilheteira do teatro.

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644

HOJE ás 8-30 e 10-30

RATAPLAN!

GRANDE EXITO de

Lina Demoel e ZULMIRA MIRANDA

UTIL A TODOS

Aconselhamos ás pessoas de regresso das termas e praias, que usem o magnifico preparado

A JUVENTUDE

unico que infalivelmente suspende a queda dos cabelos, recuperando imediatamente todo o seu brilho, vigor e beleza da mocidade, perdidos pelos tratamentos das aguas. A' venda em todas as casas de Lisboa e Porto.

Deposito geral

Drogaria Dias

Rua dos Fanqueiros, 342-344—LISBOA

Pianos e Orgãos

Maior Exposição de Paiz

Marcas: SCHMIDT, KRIEBEL, GOERS, KIRSCH, EHRBAR, LIEBIG, etc.

Representante: SAMUEL H. MOLZHIK

ARMAZEM MUSICAL

249, Rua da Madalena, 2.º

(Predio esquina Escad. Santa Justa)

TELEF. N. 4047

Antonio Camilo Tavares

MECANICO

Caixas registadoras e Balanças

Concertam-se

Rua de Marcos Barreiros, 23, 1.º

(Ao Poço dos Negros)

Preços reduzidos **Garante aferição**

MOBILIAS

Boa construção e esmerado acabamento

Antiga Marcenaria do Desterro

Grande baixa de preços

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Fabricante profissional

Oficinas e salão de vendas

17 a 29 - Rua do Desterro - 17 a 29

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — **RUA DO OURO. 18. 24**

PORTO — **PRAÇA DA LIBERDADE. 28. 29**

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082

MOBILIAS DE ESCRITORIO

Genero Americano

temos em exposição mobiliario recebido directamente da fabrica de que somos representantes em Lisboa e que vendemos a preços reduzidos.

BIZARRO DA SILVA, L.DA

RUA AUGUSTA, 82 e 84

LISBOA

PARTEIRA

Judite Silva

Rua dos Fanqueiros, 96, 4.º

CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 2 ás 6 da tarde. Recebe clientes em casa. Telf. C. 1901

SRS. MILITARES E PAISANOS

LEIAM:

Na casa Teofilo, os Senhores mandam fazer os seus fatos e compram os seus artigos, tudo mais barato. Fatos a feitio, bons forros, a 150 escudos. Facilita-se o pagamento.

41, TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 43

JUNTO AO LARGO

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Concurso para a adjudicação da compra de alvaiade de zinco em massa

Anuncio

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 4 do proximo mês de Novembro, pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de S. Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 6.000 quilos de alvaiade de zinco em massa.

Para ser admitida á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso, o deposito provisorio de 450$00.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio no praso de cito dias contados da data em que a mesma lhe fôr notificada, com a quantia necessaria para prefazer 5 0 0 da importancia total da mesma adjudicação constituindo, assim, um deposito definitivo que por intermedio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depositos onde ficará á ordem da mesma Direcção.

Este reforço deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio, devendo na cobrança ser entregue uma folha de papel selado não utilisada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes ao Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 47, 1.º, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 6 de Outubro de 1925.

Pelo Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Julio José dos Santos.

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

TEATRO DE S. CARLOS (M N) TELFE. C. 3063

COMPANHIA LUCILIA SIMÕES

HOJE, ás 21-30

O LADRÃO

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129

Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha

HOJE ás 21-15 HOJE

O Saltimbanco

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

HOJE, ás 21-30

ZILDA

Preços, os do costume

TEATRO SÃO LUIZ

CONCERTOS BLANCH

15.ª EPOCA—1925-1926

No escritorio da empresa, de 1 ás 5 horas da tarde, está aberta a assinatura para **15 CONCERTOS** da

Orquestra Sinfonica Portuguesa

dirigida pelo maestro

PEDRO BLANCH

Os srs. assinantes da ultima epoca têm preferencia aos seus logares até ao proximo sabado, 31.

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4358

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

HOJE, ás 21-15

O Pão de Ló

CLARFELD ALPACA

FUNDADA EM 1858

Talheres de alpaca, inalteravelmente branca.

Duração ilimitada.

Universalmente conhecidos.

Não devem faltar na sua casa.

Venda em todas as casas do genero.

UNICOS AGENTES EM PORTUGAL:

Sociedade Comercial Iberia, Ld.ª

Rua da Madalena, 45, 3.º

BAZAR DO CALHARIZ

= DE =

Carlos Duarte

Abriu este novo estabelecimento, filial da Kermesse Ideal, da Rua S. Paulo, 70 e 72, com um grande sortimento de Brinquedos, Utilidades, Quinquilharias, Objectos para brindes, Estatuetas, etc.

PREÇOS LIMITADOS

Não deixem de visitar esta casa

L. DO CALHARIZ, 17-A

EDIFICIO DA «LUCTA»

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

CALÇADO, fatos, sobretudos, chapeus, sombrinhas, casacos, lãs, roupas brancas, fazendas e mobilias em todos os estilos, etc., tudo a

prestações

R. Antonio Pedro, 52

(a Almirante Reis)

Luiz Ernani Dias Amado
ASSISTENTE da FACULDADE de MEDICINA
CONSULTAS das 15 ás 17
Rua Eugenio dos Santos, 76, 1.º

ESTRANGEIRO

Victor Gonçalves, L.da
Changeurs - cambistas - changers
Compra e venda de moedas estrangeiras — «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 . . . . . LISBOA

POLICLINICA DO INTENDENTE
ALMIRANTE REIS, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 17.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Sifilis e doenças da nutrição (diabetes, gota, obesidade), ás 16.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, gymnastica, banhos de luz (Sol das altitudes), mecanotherapia, electrotherapia (diathermia), etc.)
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas, ás 14.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 14.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações ás 16.

E' bom saber-se
que ao Deposito da Covilhã
ROCIO, 93, 1.º

Acabam de chegar novas remessas de fazendas que se vendem com grandes baixas de preços. Ricos **estambres, mesclas** e diversas variedades de outros tecidos, com 40 % a 50 % de abatimento. Lindas **sarjas de lã** para vestido de senhora.

Vendas da fabrica ao publico

Tem alfaiates para a sua numerosa clientela dirigidos pelo habil contramestre de corte diplomado e premiado com medalha de ouro na exposição do Rio de Janeiro **Arnaldo Augusto da Silva.**

Manda amostras ao domicilio e para a provincia

Não confundir
O Deposito da Covilhã
é no ROCIO, 93, 1.º—Não tem lojas
Telefone Norte 4663

Policlinica
DA
RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—5 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Leff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—12 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 h.
Doenças das creanças—Dr. Filipe Manso—12 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Analises clinicas—D. Gabriela Beato—4 h.

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE
Lindos modelos
SOUSA E BRITO—182, RUA DA ROSA, 190

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

Chá (U. K.) Uká
O melhor entre os melhores

ALIMENTAR
AROMATICO
DIGESTIVO

A' venda nos bons estabelecimentos e nomeadamente nas casas Jeronimo Martins, Arcada do Ouro, Pasteleria Ferrari, etc., etc.

DEPOSITARIOS
GILMAN & GILBERT, LTD.
LISBOA—R. da Prata, 130
PORTO—R. do Heroismo, 346

NOVA GUERRA?

A acção

dos gregos

contra a Bulgaria

Não é só um dever de patriota, mas um dever á verdade que nos leva a esclarecer este assunto da questão Greco-Bulgara tão inesperadamente surgida para a maior parte dos leitores do vosso muito lido jornal.

Pelos telegramas de Sofia leva-se a crêr que a Grecia, por razões de megalomania malcabida e imperialismos antipaticos a toda a gente, aproveitou-se deste incidente para anexar territorios bulgaros.

Nós, gregos, embora o Tratado de Neilly não nos tenha favorecido, visto termos centenas de milhares de gregos afóra das nossas fronteiras, respeitamos os tratados internacionais de equilibrio balcanico, e só movidos por uma razão grave poderiamos assumir a responsabilidade desta atitude, como sanção unicamente e advertencia aos nossos visinhos discolos, do vue para fazer mudar o «statu-quo» dos Balcans a nosso favor, tendo interessados em contrario a Servia, a Romenia e até a propria Italia.

Não é, portanto, uma guerra de conquista, mas unicamente uma demonstração de força para fazer respeitar os nossos direitos, já que a voz da razão e da conciliação levada até á propria Sociedade das Nações não tem feito os efeitos esperados á politica do sr. Kalfof.

Os bulgaros, estes prussianos do Oriente, como se chamam orgulhosamente, têm uma mentalidade e persistencia toda especial.

A par de uma organisação modelar de revolucionarios «comitatzis» ao serviço do Estado para fazerem incursões nos territorios gregos e servios, têm uma propaganda sabiamente espalhada por toda a parte e á primeira voz, aparecem os olhos do mundo como inocentes vitimas...

* * *

Depois da vitoria dos aliados no Oriente e do Tratado de Neilly, em que os bulgaros perderam os seus sonhos de hegemonia nos Balcans, apesar da sua derrota, nunca perderam a esperança de que á maneira da Turquia umas vezes por intrigas, outras vezes á força de armas, conseguiriam meter em discussão a questão da Macedonia e da Tracia actualmente nas mãos dos gregos e servios.

O Estado, portanto, aproveitando o acordo com a Grecia (sobre minorias) das permutas de populações entre os dois países avaliando-lhes os haveres para assim evitar o aspecto de salada russa que apresentavam certas partes da Macedonia e Romenia, estabeleceu estas populações ao longo da fronteira greco-servia, estabelecendo como focos de concentrações para a Grecia as cidades de Hascovm, Nevrokopion, Kirtzali, Petritsi, e Sevi-Brats, emquanto que para a Servia eram a Gorna, Tzumaiá, Kiustendill, Dupnitza e Mehomia.

Estas concentrações, embora para evitar complicações diplomaticas, estão directamente sob as ordens de conhecidos comitatzis como os Stoianof, Bardarsi, Passá Keskinof, Toumalkélof, Bratsikolni e outros, estão de facto sob as ordens do governo de Sofia que os transporta em automoveis do Exercito, que os fornece de armas e munições gratis, e paga 3.000 levi por mês com liberdade de pilhagem quando possivel, de cidades ou haveres dos gregos e servios fronteiriços.

O governo grego, apesar dos fortes contingentes que guarnecem as nossas fronteiras, lhe garantirem a inviolabilidade das nossas provincias, por mais de uma vez tem chamado a atenção do governo bulgaro, exigindo a dispersão destes grupos de comitatzis, fazendo-o responsavel de tudo quanto poderia advir duma acção deles contra territorios nossos.

Agora, na Conferencia de Locarno o sr. Tsagof tinha a esperança de poder obter da conferencia, além da sua saída para o Egeo, uma autonomia para a Macedonia e Tracia de maneira que pudessem mais adiante fazer o que fizeram com a Romenia Oriental.

E para trazer a questão á Conferencia sob um aspecto, cuja discussão se impunha, deu o sinal da acção aos comitatzis que, cumprindo as suas ordens, quizeram entrar á força em territorio grego.

O governo do sr. Pagalos, governo de militares, farto de reclamações diplomaticas, que, desde ha dois anos não obtem nada, além de promessas não cumpridas, resolveu por si só e á força, impôr ao governo de Sofia o respeito devido aos seus visinhos, evitando factos que possam motivar uma nova conflagração.

* * *

Portanto, a acção dos gregos contra os bulgaros nada tem de imperialista nem se anima de vontade de conquistas. Apenas deseja defender um direito que nos é reconhecido por todo o mundo: o de defender os nossos territorios das incursões de visinhos, e já que a Sociedade das Nações, tratando-se de direitos de povos pequenos, faz ouvidos de mercador, assim perante um facto de força é obrigada ou a pôr termo a uma situação insustentavel ou entmo a deixar-nos a liberdade necessaria para, pelas nossas mãos, pôr no seu lugar os nossos visinhos recalcitrantes.

EMMANOUEL TH. PAPPAMIKAIL

(Correspondente do «Elefteros Logos», de Atenas; do «Patris», de Atenas, e do «Le Journal des Helleres», de Geneve).

A artilharia grega

reabriu o fogo em toda a frente

SOFIA, 25.—A Agencia Telegrafica Bulgara diz que os gregos, cuja artilharia concentra os seus esforços sobre a gare Livonanvo, reabriram o fogo em toda a frente. A artilharia bulgara abstem-se de ripostar.—(H.)

150 obuzes

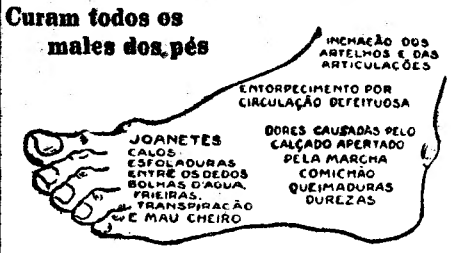
foram lançados sobre Petrich

SOFIA, 24.—A Agencia Bulgara diz que os gregos lançaram mais 150 obuzes sobre a cidade de Petrich e que a Bulgaria protestou novamente junto das grandes potencias e da Sociedade das Nações.—(H.)

POLICLINICA DO ROCIO
Largo de Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo . . . Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior. . . Clinica geral e doenças das crianças — 13 h.
Dr. Camossa Saldanha Rins e vias urinarias — 10 e 1/2 h.
Dr. Cancella d'Abreu . Medicina geral, doenças nervosas — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato. . Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
Dr. F. Martins Pereira Medicina geral, coração e pulmões — 15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette Olhos — 15 h.
Dr. Luiz Ottolini . . . Cirurgia, doenças das senhoras e partos — 14 e 1/2 h.
Dr. Jorge Falcão . . . Pele e sifilis — 14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco . . . Raios X.

Saes «DERMOXA»
Curam todos os males dos pés



Evitam e curam radicalmente as FRIEIRAS suprimindo logo a dôr, comichão, inchação e inflamação.

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias.

Deposito: MARIO BRANDÃO — Rua Eugenio dos Santos, 99—Lisboa.

N. B.—Exijam os verdadeiros Sais «Dermoxa» e recusem as imitações, que não têm nenhum valor curativo. Laboratoires J. Nante, 62, Avenue Gambetta—Paris.

Fotografos amadores

O «A B C Fotografico» para devidamente desenvolver a sua secção de vendas e melhor corresponder ao constante favor do publico, vai instalar-se ainda no corrente ano em casa sua, na rua Augusta, continuando, porém, até á conclusão das suas novas instalações, a funcionar no Bazar Italiano, na rua Augusta, 228 a 252.

A sua secção de vendas abrange todos os artigos KODAK, aparelhos de qualquer marca e todos os acessorios de fotografia, aos mais baixos preços do mercado. Tem, pela sua inegualavel perfeição e rapidez na entrega dos trabalhos, um esplendido serviço de revelação, impressão e ampliação, actualmente com redução de preços e em concorrencia com todas as casas congeneres, e satisfazendo plenamente o cliente mais exigente.

Visitar esta secção é ser bem servido, obter um trabalho perfeitissimo (e a perfeição em trabalhos de fotografia é tudo...) economisar tempo e dinheiro.

Os amadores da provincia que se dirijam ao «A B C Fotografico» serão prontamente atendidos, na volta do correio.

PIANOS
e
Autopianos
Rolos
Musicas

Gramofones — Discos
CASA OLIVEIRA — Rocio, 56, 57, 58

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE
FAZEM-SE A 460$00
FABRICAÇÃO GARANTIDA
TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, LOJA

Policlinica do Conde Barão
Largo do Conde Barão, 12, 1.º
Telef. Central 1902

Doenças dos olhos — A's 5 horas — Dr. Medeiros d'Almeida.
Doenças dos rins e vias urinarias — A's 3 horas — Dr. Bastos Lopes.
Doenças dos ouvidos, nariz e gargante — A's 2 horas — Dr. Manuel Pinto.
Cirurgia geral — Operações — A's 2 1/2 horas — Dr. Santos Paiva.
Clinica geral — A's 2 horas — Dr. Fernando Cabral.
Doenças das senhoras — A's 5 horas — Dr. Manuel de Almeida e Vasconcelos.
Analises clinicas — Dr. Anibal de Magalhães.
Doenças venereas e sifiliticas — A's 2 horas — Dr. Oliveira Zuquel.
Doenças de boca e dentes — A's 3 horas — Erum da Silveira.
Clinica medica — Doenças do coração e pulmões — Doenças nervosas, electroterapia — A's 4 horas — Dr. Luiz Pacheco.
Raios-X — Montagana.

Dr. ALBINO PACHECO
Regressado do Rio de Janeiro
CURÃS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o seu consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 h.—Telefone C. 535
Residencia—Telefone C. 2577

ULTIMAS NOTICIAS

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE—ás 8-45—HOJE
A mulher mais bonita do mundo
Uma panoramica
Duas revistas de elegancias
Duas cine-farças

NA CAMARA MUNICIPAL

A Rainha das Rainhas

dos Mercados de Lisboa

FOI DELIRANTEMENTE ACLAMADA PELO POVO

(Continuação da pagina central)

bem marcar a sua acção em pleno seculo XX, tem além do intenso encanto do seu aparato, o condão de captivar toda essa massa enorme do Povo, que em um só corpo, e numa só alma a ela concorre e gostosamente a aplaude.

A Beleza Fisica que hoje vamos aplaudir numa das mais lindas filhas do Povo da nossa Cidade, é o resultado do desenvolvimento progressivo da selecção efectuada pelo bom gosto. Resultado de uma escolha crescente na pesquiza do mais bonito, demonstração logica de que o culto do Belo se desenvolve, e que os caracteres se aperceiçoam e amoldam no culto da Beleza.

A mulher que foi eleita é Rainha, não por direitos de soberania hierarquica, mas sim pela livre vontade do Povo, que nela quere proclamar a Beleza, provando que não serve só para levar uma vida de trabalho em conquista do pão, mas tambem para conquistar o direito de apreciar a formosura, expressando deste modo o seu sentir estetico.

Em Portugal, esta festa, ainda não é da tradiçao, especialmente na cidade de Lisboa, mas o brilhantismo com que pela primeira vez aqui se executa, ha-de, certamente, torná-la, não só querida do Povo, como de memoria imorredoura.

A Camara Municipal de Lisboa não podia deixar de, com todo o entusiasmo, associar-se a esta festa tão significativa da vitalidade da Raça Portuguesa, recebendo na Casa do Povo as mais lindas mulheres dos mercados lisboetas».

* * *

Terminada a leitura, que foi coberta por uma salva de palmas, o actor Erico Braga lê, com grande solenidade, o auto da decisão do juri, que noutro logar publicamos.

A Rainha eleita

Emfim! Já se sabe quem é a Rainha eleita. O juri votou por maioria na vendedeira Ilda Fernandes, da Praça da Figueira, 16 anos, natural de Lisboa, solteira e sem noivo. E' um lindo tipo de ovarina, trajando com muito caracter, trigueira, elegante, sorriso dôce, olhos castanhos.

Terminada a leitura do auto, que foi cortada por uma salva de palmas—quando Erico Braga pronunciou o nome da Rainha—produz-se na sala um grande movimento de curiosidade e sensação.

Ilda Fernandes—perdão, Sua Magestade!—vem junto da mesa da presidencia, rodeada pelas suas damas de honor, e uma nova salva de palmas, prolongada e vibrante, sublinha a sua aparição.

Uma longa aclamação em toda a sala:

—Viva a Rainha!

Sua Magestade ocupa o trono que lhe tinha sido destinado, tendo á direita a vendedeira Ilda da Cunha Pinto, Rainha do Mercado 24 de Julho, e á esquerda a vendedeira Beatriz de Jesus, Rainha do Mercado do Matadouro, que, juntamente com as vendedeiras Gloria de Jesus e Lidia dos Anjos Silva constituem as suas damas de honor.

Em seguida, o presidente do Senado proclama solenemente eleita Rainha dos Mercados a menina Ilda Fernandes, que D. Amelia Rey Colaço coroou com o lindo diadema oferecido pela Camara Municipal de Lisboa.

Fala Aquilino Ribeiro

Aquilino Ribeiro sauda nestes termos a Rainha dos Mercados:

«Republicano desde que me conheço, tenho o maior prazer em proclamar, em nome dos três estados aqui representados, arte, letras, jornalismo, Rainha de Lisboa, Rainha dos Mercados de Lisboa, a menina Ilda Fernandes.

«Falta aqui um arauto de farda, pregoando alto, em alta e alegre gama: «Arraial, arraial, pela nossa Rainha!»

«Estamos em democracia e já não ha arautos, nem passavantes, nem alabardeiros, e os camaristas não trazem vara e volta. Mas esta cerimonia da coroação não será por isso menos solene, nem menos ardente o nosso preito á magestade que desponta. Aqui coroamos a formosura que merece reinar no mundo; dela somos todos vassalos; dela somos todos cortezãos. Aqui celebramos umas novas côrtes de Lamego e «sponte nossa» elegemos soberana e juramos fidelidade.

«A sua realeza, menina Ilda Fernandes, está ao abrigo dos conflitos desagradaveis da politica, das intrigas das camarilhas, dos azares das revoluções. Pode exerce-la omnipotentemente, discrecionariamente, e dormir a sono solto. O diadema é seu por graça de Deus e consenso dos homens.

Em verdade, o *Diario de Lisboa* não fez mais que reviver uma tradição perdida nos tempos. Na idade de oiro que velhos cartapacios afirmam ter existido á superficie da terra, reis bem intencionados iam buscar a sua rainha, nos montes, ás pastoras que apascentavam nédios e mansissimos rebanhos.

Assim o ordenavam as boas fadas e o culto, que então era letra viva pela simplicidade e a beleza.

Outrotanto fazemos hoje, procurando nas multidões da capital aquela que recebeu o dom supremo de formosa entre as formosas.

Seja feliz, menina Ilda Fernandes; seja amavel e que nunca em seus labios pouse enfado pela vida, nem desdem pelos homens, seus subditos e adoradores.

Formosas são tambem as damas de honor, merecedoras de corôa ducal. Que elas fiquem tambem a alegria dos nossos olhos, e a satisfação deste bom e leal povo de Lisboa, sempre leal para com realezas tão humanas e deleitaveis».

Aquilino Ribeiro, que leu o seu discurso sorrindo, sorrindo para o povo e sorrindo para a Realeza, foi calorosamente aplaudido pela assistencia.

Em seguida, o nosso camarada Norberto de Araujo, secretario da grande comissão, fez a entrega dos premios a cada uma das Rainhas, que se adornaram logo com os lindos corações de filigrana de ouro e com as joias oferecidas pelo sr. Presidente da Republica, pela Imprensa e pelo Comercio de Lisboa.

A acta da eleição da Rainha dos Mercados e das damas de honor

Aos dias 25 de Outubro de 1925, reuniu no salão da Camara Municipal o Jury que havia de eleger a Rainha dos Mercados de Lisboa, nas Festas promovidas pela Grande Comissão Central, e da iniciativa do jornal o *Diario de Lisboa*.

O Jury, reunido sob a presidencia do sr. dr. José Leite de Vasconcelos, elegeu de entre as concorrentes da Praça da Figueira, a vendedeira Ilda Fernandes; de entre as concorrentes do Mercado 31 de Janeiro, a vendedeira Beatriz de Jesus; de entre as concorrentes do Mercado 24 de Julho, secção de peixe, a vendedeira Ilda da Cunha Pinto.

Procedendo-se á eleição para Rainha de Lisboa, de todos os Mercados, cujo titulo prevalece até 1926, foi eleita por maioria a vendedeira da Praça da Figueira, Ilda Fernandes, ficando classificadas, por numero de votos, para damas de honor Beatriz de Jesus e Ilda da Cunha Pinto; para 4.º logar, Gloria dos Santos, e para 5.º, Lidia de Jesus.

O Jury considera as restantes vendedeiras como fazendo parte da côrte da Rainha.

José Leite de Vasconcelos, Lucinda Simões, Maria de Carvalho, Amelia Rey Colaço, Alexandre Ferreira, Rocha Junior, Alberto Sousa, Costa Motta, Francisco dos Santos, Alvaro de Andrade, Aquilino Ribeiro, Augusto Gil, Artur Portela.

A Rainha é aclamada pelo povo

Terminada a cerimonia da eleição e da coroação, na Camara Municipal, começaram saindo lentamente os convidados que enchiam os Paços do Concelho, sendo a Rainha aguardada pelo povo com uma indescriptivel anciedade.

A's 4 horas em ponto um longo murmurio percorreu a multidão:

—A Rainha! A Rainha!

Começam a sair as Rainhas dos diferentes mercados, que vão tomando logar nos seus respectivos trens, puxados a duas parelhas. O publico aclama-as prolongadamente. Quando a Rainha das Rainhas sae rodeada pelas suas damas de honor, ouve-se em todo o largo apinhado de milhares de pessoas uma longa e calorosa ovação.

Ilda Fernandes, com as duas Rainhas menores que lhe fazem uma côrte de honra, toma logar num trem puxado a três parelhas e o cortejo põe-se lentamente em marcha,

Um cortejo imponente

Abre o cortejo um terno de corneteiros, seguido pelos trens em que vão as Rainhas.

A Rainha eleita vai no seu logar de honra, seguida por dezenas de automoveis e milhares de pessoas que acompanham o cortejo.

A multidão comprime-se em todas as ruas do percurso e as aclamações, á passagem da Rainha, chegam a atingir o delirio.

Destacam-se as capas negras dos estudantes que aclamam a Beleza Soberana, envolvendo num carinhoso aplauso o nome do *Diario de Lisboa*.

A beleza do dia de hoje contribuiu tambem para que tivesse maior imponencia o cortejo triunfal. O sol, como um D. João enamorado, veiu á chuva e ao vento destes ultimos dias conquistar para si a Rainha da Beleza.

O cortejo seguiu pela rua do Ouro, onde as janelas e varandas estavam completamente cheias de gente, subindo a Avenida da Liberdade e tomando depois pela Avenida da Republica até ao Campo Pequeno.

O entusiasmo era enorme em toda a parte. Pode afirmar-se que foi a mais bela manifestação e a mais entusiastica dos ultimos anos.

Muitos milhares de pessoas aclamaram delirantemente a Rainha eleita da Beleza dos Mercados.

A' chegada ao Campo Pequeno, o largo oferecia um aspecto magestoso. A entrada na praça fez-se com grande dificuldade, pela enorme quantidade de gente que se aglomerava em torno dos trens.

Nota interessante e digna de registo: em todo o percurso, não se ouviu uma unica palavra que destoasse, tendo-se o publico mostrado de uma extrema correcção.

A Rainha no Campo Pequeno

A Praça do Campo Pequeno tinha hoje uma bela casa. Em todos os sectores se notava um poderoso aspecto de vida, predominando uma grande anciedade entre a assistencia pela chegada da Rainha.

Quando Ilda Fernandes apareceu no seu camarote, com as damas de honor e as Rainhas dos diferentes mercados, todos os olhares se voltaram avidamente para a Soberana da Beleza e um longo fremito de entusiasmo percorreu a assistencia.

Revoaram palmas, lenços, aplausos prolongados e vibrantes. Foi um belo minuto de delirante entusiasmo.

Serenados os espiritos, que se emocionaram com as aclamações e os aplausos, deu-se começo á corrida á antiga portuguesa.

A corrida

Depois do cerimonial do estilo, saiu o primeiro touro para Ricardo Teixeira que brindou á Rainha, ouvindo-se muitas palmas e vivas.

Ilda Fernandes e as suas companheiras, de pé, agradeciam, comovidas.

Ricardo Teixeira cravou dois ferros regulares ouvindo palmas.

No segundo, Mario Luís Lopes, um dos nossos melhores bandarilheiros amadores, pôz com estilo e valentia três pares, sendo o touro pegado de cara pelo cabo dos forcados Celestino Gonçalves.

O terceiro foi farpeado por D. João de Mascarenhas que cravou apenas um par, por o touro não dar lide.

O quarto coube ao espada José Paradas que confirmou o seu «cartel», toureando com elegancia e valentia, com o capote, as bandarilhas e a muleta.

Eram 17,30.

Após um curto intervalo, iniciou-se a segunda parte da corrida que se está realisando á hora a que escrevemos.

Desde o Campo Pequeno até ao Rocio, muitos milhares de pessoas aguardam com anciedade a passagem da Rainha.

A PEDIDO DO COMERCIO
e de numerosas pessoas
as festas nos mercados
da Praça da Figueira e do Matadouro
continuam ámanhã
estando aberto ao publico o mercado do seculo XVII